

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E LÚDICA NA INFÂNCIA: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO E AÇÃO DOCENTE

Valéria Queiroz Furtado¹
Jefferson Olivatto Silva²

RESUMO

A educação infantil é o fundamento de todas as etapas da educação escolar, e tem como objetivo principal garantir o desenvolvimento integral da criança. Neste contexto, o papel que o educador deve assumir é o de mediador, dando sentido ao que é aprendido no contexto escolar e fornecendo à criança subsídios para que esta possa conhecer e participar do meio sócio-cultural. Nesta perspectiva, é necessário que a formação inicial e continuada dos docentes seja valorizada. No que diz respeito às propostas pedagógicas, é estabelecido que estas devem garantir o ensino de práticas que promovam novas maneiras de interação social, e que estejam engajadas com o processo de aprendizagem lúdica e sustentável. Para isso, faz-se necessário que o educador aprimore sua atuação de modo prático e por meio de uma atuação reflexiva e crítica. Levando em consideração esses aspectos, este trabalho tem como objetivo descrever a promoção de uma formação continuada de educadores infantis, provenientes de 10 municípios com baixo índice de desenvolvimento humano (IDHM) do estado do Paraná/Brasil, cujo foco foi a educação ambiental e lúdica à luz da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), tendo como aporte teórico metodológico a teoria histórico cultural. A formação continuada foi promovida na modalidade remota, com uso da plataforma google meet. Utilizou-se como método de investigação dois questionários (online), os quais foram aplicados aos participantes do curso, antes e após a realização do evento. O primeiro ques-

1 Pós-doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Docente Departamento de Psicologia Social e Institucional da UEL valeriauel@uel.br.

2 Pós-doutorado em História e Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, jeffolivatto-silva@gmail.com;

tionário teve como objetivo obter informações sociodemográficas e, o segundo visou coletar informações sobre o conhecimento e as práticas pedagógicas de educação lúdica e ambiental. Os resultados foram analisados quantitativamente, demonstrando que a formação continuada forneceu subsídios para que o educador reconhecesse a importância do lúdico no desenvolvimento de ações de educação ambiental, bem como seu papel no desenvolvimento integral da criança.

Palavras-chave: Formação docente, lúdico, Educação ambiental, Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Atualmente o lixo urbano apresenta-se como mais um dos grandes problemas ambientais do planeta, ao lado da questão do aquecimento global, da escassez dos recursos hídricos, do desflorestamento, dentre outros. Entre os impactos ambientais negativos que podem ser originados a partir do lixo urbano produzido estão os efeitos decorrentes da prática de disposição inadequada de resíduos sólidos como o plástico, em fundos de vale, às margens de ruas ou cursos d'água. Essas práticas habituais podem provocar, entre outras coisas, contaminação do solo, assoreamento, enchentes, proliferação de vetores transmissores de doenças, tais como cães, gatos, ratos, baratas, moscas, vermes, entre outros. Outro aspecto a ser considerado, diz respeito a poluição visual, mau cheiro e contaminação do ambiente (MUCELIN; BELLINI, 2008).

Neste seguimento, a educação ambiental torna-se uma estratégia consciente e viável. Do ponto de vista legal, a educação ambiental (EA) é considerada uma demanda importante da sociedade, visto que os sujeitos envolvidos desde a infância dependem da relação entre a natureza e o uso dos recursos naturais gerados pela humanidade.

Neste contexto, existe uma ampla necessidade de compreender como a educação ambiental tem se desenvolvido em ambientes escolares e não escolares, especialmente no que diz respeito ao espaço da educação infantil, que atualmente atende crianças de 0 a 5 anos de idade. Assim, a Constituição Federal brasileira de 1988, em seu artigo 225, garante o direito de todos a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, considerado bem de uso comum e essencial para a qualidade de vida saudável, estabelecendo a responsabilidade do poder público e da sociedade em protegê-lo e preservá-lo para as gerações atuais e futuras.

Por meio dessa determinação legal, é imprescindível a formação de uma sociedade sustentável e engajada na construção colaborativa de uma nova cultura. Essa cultura não se limita à simples transmissão de informações ou estabelecimento de normas de conduta, mas sim a uma educação ambiental baseada em reflexões e práticas. Em vista disso, a fim de promover uma nova cultura e uma sociedade com consciência ambiental, a educação ambiental deve ser introduzida desde a infância, pois é na juventude que se inicia o processo de formação de cidadãos conscientes e responsáveis por suas interações com o meio ambiente e a natureza.

Esse é especialmente o caso considerando que alguns temas estão sendo excluídos dos currículos escolares devido à extinção. Segundo Loureiro (2004, p. 39), é crucial promover um trabalho pedagógico educacional direcionado para esta temática, enfatizando os aspectos ambientais da natureza como centrais e identitários. Isso permitirá ressaltar dimensões historicamente negligenciadas pelo processo educativo.

Loureiro (2004) argumenta que a educação precisa ir além de uma visão fragmentada da realidade, promovendo uma compreensão mais integrada da vida, da natureza e da sociedade. A autora critica a dicotomização característica da modernidade capitalista, que separa a economia da sociedade, a mente do corpo, etc.,

Neste sentido, o presente trabalho se justifica como uma discussão fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil de 0 a 5 anos, com o objetivo de ampliar o conhecimento e a conscientização desde a infância sobre a educação ambiental no Brasil.

De acordo com o Brasil (2018), a educação ambiental no país se tornou um elemento essencial e contínuo da educação nacional, conforme estabelecido pela lei nº 9.795/99. Ela deve ser integrada, de forma articulada, em todos os níveis e tipos de ensino, tanto de maneira formal quanto não formal. (Brasil, 2018). Em conformidade com as políticas nacionais de educação ambiental, as diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica (2013) estabelecem que a educação ambiental deve ser uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades de ensino formal, não devendo ser implementada como uma disciplina específica.

Por outro lado, as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil - DCNEI - Resolução CNE/CEB nº 5, de 2009, em seu artigo 3º, consideram o currículo da educação infantil como um conjunto de práticas que visam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico (Brasil, 2009).

Este documento, que serve como guia para a formação de professores e para a elaboração de planos e avaliações na educação infantil, destaca a necessidade de integrar o patrimônio ambiental aos objetivos educacionais e desenvolvimento infantil.

O objetivo é promover uma prática pedagógica coerente, organizada, intencionalmente planejada e permanentemente avaliada, visando proporção-

nar uma educação de qualidade desde a mais tenra idade. Na mesma direção, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p. 38) ressalta que “as crianças estão imersas em ambientes e temporalidades de diversas dimensões, em um mundo composto por fenômenos naturais e socioculturais”.

Portanto, a escola de ensino infantil deve fornecer oportunidades para que as crianças ampliem seu conhecimento sobre o mundo físico e sociocultural, possibilitando sua aplicação no dia a dia. No contexto da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a educação ambiental (EA) é introduzida, ainda que de maneira discreta, como mais um dos temas atuais a serem incluídos nos currículos e nas propostas pedagógicas das instituições infantis, de preferência de forma transversal e integrada.

É importante destacar que o termo educação ambiental (EA) foi substituído por educação para o desenvolvimento sustentável (EDS) ou educação para a sustentabilidade (EPS) e, até o momento, não há sinais claros de sua implementação como conhecimento na prática pedagógica com crianças.

Portanto, é urgente discutir a formação de professores para o trabalho pedagógico sobre a educação ambiental e suas conexões com a prática pedagógica lúdica na educação infantil, considerando os princípios fundamentais das práticas pedagógicas e as competências gerais propostas pela BNCC, assim como os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que precisam ser garantidos na educação infantil, proporcionando às crianças condições para aprender em ambientes desafiadores e estimulantes para construir significados sobre si mesmas, os outros e o mundo social e natural (Brasil, 2018, p. 35).

Nesse sentido, debater a EA à luz da BNCC nos encoraja a refletir criticamente sobre a prática pedagógica lúdica com crianças, focando em ações diversas de conscientização socioambiental. A compreensão da EA como um campo em constante construção, conforme apontado por Guimarães (1995), reflete um cenário de disputas e conquistas, que vem se fortalecendo nas políticas públicas nacionais e internacionais.

Dessa forma, e em conformidade com os objetivos do Programa Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 2018), a formação de gestores e educadores infantis é considerada altamente relevante para o processo de ensino e mediação do conhecimento sobre o meio ambiente, especialmente em relação às questões teórico-metodológicas desenvolvidas em formato presencial e semipresencial.

No contexto específico deste projeto, observa-se a formação docente em educação ambiental na infância, por meio de metodologias e práticas pedagógicas possibilitadas pela plataforma de ensino Moodle NEAD/UEL (Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual de Londrina).

Nesse sentido, a problemática em questão é: como tem sido estruturada a formação de professores em educação ambiental na educação infantil e quais orientações a BNCC apresenta para promover uma prática pedagógica lúdica com crianças de 0 a 5 anos?

Dessa forma, a necessidade de um profundo conhecimento em educação ambiental e de diversas experiências na prática educativa na escola infantil destaca a importância de um constante aprimoramento e atualização na profissão por meio da formação continuada de professores. Para Gatti (2009, p. 58), a formação continuada refere-se a um “aprofundamento e avanço nas formações dos profissionais”. Para a autora, esse aprimoramento não é necessário apenas na área da docência, mas em qualquer profissão, uma vez que todas as áreas do conhecimento passam por constantes mudanças e descobertas.

Em Lima e Tamaru (2010), a formação continuada se torna cada vez mais urgente, não apenas pela aquisição de novas técnicas, mas também pelo processo de reflexão da teoria e prática educativa em conformidade com o tema em questão, além de potencializar situações dialógicas e propiciadoras de troca de experiências entre professores de diversas realidades educacionais, visando contribuir para a aquisição de novos conhecimentos no que tange ao trabalho pedagógico docente com as crianças.

No caso da educação ambiental, quando inserida na educação infantil, desempenha um papel importante na preservação e conservação do meio ambiente, pois as crianças desenvolvem uma consciência ambiental, atuando desde a primeira infância como sujeitos participativos do processo de ensino-aprendizagem em prol de uma educação para o desenvolvimento sustentável.

Dessa forma, a proposta de que a educação ambiental deve ser incentivada desde a educação infantil não é uma ideia alheia à nossa realidade. No entanto, no Brasil, observa-se, de forma gradual, um afastamento entre as intenções das políticas governamentais e a efetiva implementação da educação socioambiental.

Dessa forma, ações que visem reverter esta situação tornam-se cada vez mais necessárias, a fim de que o problema não se agrave ainda mais. É imprescindível um novo direcionamento em relação à educação ambiental, com o

objetivo de promover, por meio do ensino, o conhecimento cientificamente fundamentado, em contraposição ao que tem sido praticado nas escolas. Entre os diversos recursos, a utilização de jogos confeccionados com materiais recicláveis (sucata), como estratégia lúdica para a transformação social e ambiental, se destaca como um dos principais mediadores do conhecimento e da aprendizagem.

A proposição de tais jogos e brinquedos é justificada como uma opção economicamente viável e socioambientalmente responsável, que promove o aprendizado em educação ambiental, estimula a coleta seletiva e possibilita que professores e crianças se conscientizem sobre a importância da preservação do meio ambiente, desenvolvendo o senso de responsabilidade individual e coletiva, a cooperação e sensibilizando-os para a confecção do brinquedo criado em detrimento do brinquedo pronto e tecnológico. (Furtado; Pimentel e Medeiros, 2009).

É importante destacar que os jogos e brinquedos feitos com materiais recicláveis podem contribuir para o desenvolvimento da criança, tanto na aquisição de valores e habilidades psicomotoras, quanto na prática de experiências criativas e simbólicas, no desenvolvimento de sua afetividade, capacidade e potencial intelectual, além de promover experiências culturais e sociais ao interagir com outras crianças.

Diante disso, é necessário considerar novos formatos educacionais e de ensino para assegurar um trabalho pedagógico que tenha grande relevância na relação entre a educação lúdica e a educação ambiental, especialmente ao refletirmos sobre a educação infantil como uma oportunidade para a promoção de atividades lúdicas que dialoguem com a educação ambiental, enquanto um processo significativo de brincar, criar e recriar por meio da criatividade, participação e envolvimento de todos.

Nesse caso, existe a oportunidade de (re)invenção dos jogos por meio da confecção coletiva entre crianças e educadores, utilizando materiais recicláveis e alternativos. Com isso, torna-se viável ressignificar o brincar das crianças pequenas, por meio de novas descobertas, além do desenvolvimento da humanidade na criança, mediado pela valorização dos aspectos sociais, criativos, afetivos, culturais e ambientais.

Entretanto, para que essa prática seja implementada, é necessário que o educador, em primeiro lugar, amplie sua aprendizagem por meio de situações teóricas e práticas, exigindo o desenvolvimento de uma atuação reflexiva competente, promovendo a conexão entre a formação inicial, a continuada e

as experiências vividas entre pares. Para isso, além de orientações para a construção de jogos e brinquedos, é imprescindível refletir sobre a importância de integrar a ludicidade à educação ambiental, visando à concretização dos objetivos propostos.

Consideramos que a formação de educadores para a utilização de práticas lúdicas com materiais recicláveis é fundamental para garantir que as crianças tenham acesso a experiências de aprendizagem significativas e prazerosas. Ao oferecer oportunidades de brincar e explorar o mundo de forma criativa, contribuímos para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

METODOLOGIA

As atividades do projeto foram realizadas na Universidade Estadual de Londrina, no Departamento de Psicologia Social e Institucional, utilizando a sala de aula e o Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional. Participaram do projeto três docentes, sendo dois do Departamento de Psicologia Social e Institucional e uma do Departamento de Educação, ambos da Universidade Estadual de Londrina. Vale ressaltar que houve a participação com bolsa de um recém-formado e quatro estudantes de psicologia. O curso foi direcionado a profissionais de educação infantil de instituições filantrópicas e da rede pública de ensino municipal de 10 municípios de Londrina e região, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (Foz do Jordão, Manguieirinha, Pinhão, entre outros).

O projeto foi executado com base em seis metas complementares e interdependentes: organização do trabalho, preparação dos discentes, elaboração do conteúdo e materiais didáticos para inserção na plataforma Classroom, divulgação, oferta e realização da formação continuada, avaliação do projeto e elaboração de um artigo científico, além da organização do relatório final e disseminação dos resultados em eventos nacionais e internacionais. As etapas do projeto incluíram reuniões para organizar o plano de trabalho, formação dos alunos, elaboração do conteúdo e materiais didáticos, confecção de folder e inscrição na formação continuada, realização da formação continuada, avaliação do projeto e análise dos dados, e elaboração do relatório final.

O curso foi ministrado na modalidade remota via plataforma Classroom, com 4 módulos teórico de 3 horas (remoto) e 18 horas presenciais e práticas (sala de aula), totalizando assim 30 horas.

Materiais como formulários de coleta de dados, avaliação dos módulos, livros de contação de histórias, jogos para uso em sala de aula e vídeos foram desenvolvidos e disponibilizados aos participantes. Além disso, manuais, folders e tutoriais também foram criados para auxiliar na formação continuada dos profissionais.

A Apresentação do conteúdo relacionado aos 4 Módulos, foram distribuídos da seguinte forma: I – A Educação Infantil e os campos de experiência; II – Formação e ação docente na infância: revisando teorias, construindo novas práticas; III – Contar e encantar: o contador de histórias e sua dimensão educativa na infância; Módulo IV- Educação ambiental na Infância: avanços e possibilidades para uma prática pedagógica efetiva.

Inicialmente os participantes preencheram um formulário visando identificar os seguintes aspectos: Formação lúdica do educador; visão que os professores têm sobre o brincar, presença de jogos na prática educacional; bem como identificar a inserção de contação de histórias infantis e jogos confeccionados com material reciclável nas práticas pedagógicas de educação ambiental na educação infantil.

Ao longo do curso os discentes e orientadores acompanharam as ações realizadas pelos cursistas remotamente por meio de atividades orientadas, trocas de mensagem por e-mail, devolutivas das atividades realizadas pelos cursistas.

Após a finalização da formação continuada remota, realizou-se uma devolutiva de forma on-line, o que ocorreu através de uma exposição pedagógica, ou seja, os participantes foram instruídos a preencher um portfólio digital e enviar fotos ou desenhos das crianças desenvolvendo as atividades com os jogos, brinquedos e materiais confeccionados ao longo do curso de formação continuada.

A partir das respostas obtidas por meio da aplicação dos formulários foi possível traçar um perfil desses participantes, bem como trazer à tona os conhecimentos que possuem sobre questões da educação ambiental e o uso de estratégias lúdicas. Para tanto, os dados foram avaliados por meio de uma análise quantitativa.

Segundo Silva (2010), o método quantitativo comumente é o observável, objetivo e possível de mensurar, apresentando como característica marcante a clareza nas explicações dos fatos e uma enorme variação de alternativas para o tratamento de dados.

A esse respeito autores, Fiates, Serra e Martins (2013), apontam justificativas que norteiam o uso dos métodos quantitativos, dialogando sobre sua objeti-

vidade, precisão e sua capacidade de multivariabilidade. Segundo esses mesmos autores, no método quantitativo considera-se a possibilidade de quantificação em tudo, o que traduz em números as informações e as opiniões com a finalidade de classificar e analisar o objeto de estudo em questão, com a utilização de técnicas estatísticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso iniciou com 65 inscritos e contou com uma redução progressiva no número de participantes ao longo dos módulos. Ao final dos módulos, 24 educadores receberam a certificação de conclusão do curso. A equipe entrou em contato com os participantes que não concluíram as atividades propostas e destacou-se motivos de saúde e dificuldades pessoais como impeditivos. Acerca dos 24 que receberam o certificado, notou-se o empenho e dedicação para a realização dos módulos.

Os dados coletados por meio do questionário inicial apontaram que as expectativas dos educadores se concentravam em ampliar conhecimentos sobre sustentabilidade e as práticas lúdicas com crianças. No questionário final, os participantes relatam ter atingido esses objetivos, destacando aprendizados como o uso de jogos com materiais recicláveis, estratégias para contar histórias abarcando a questão da educação ambiental, e o papel do mediador no processo de aprendizagem. Quando perguntados acerca de qual foi o principal objetivo atingido após a realização do curso, as respostas sugerem que o curso foi bem-sucedido em proporcionar benefícios variados, desde o aprofundamento em contação de histórias abrangendo a educação ambiental até a aplicação prática de jogos educativos sobre a temática, atendendo diferentes expectativas e necessidades dos participantes.

Ambas as respostas foram as mais mencionadas, cada uma com 20%. Obter acesso a recursos práticos para a sala, e a oportunidade de ressignificar a prática docente, foram cada um deles destacados por 15% dos participantes. Aprender técnicas de contação de história e Jogos com materiais recicláveis contaram com 10%, demonstrando que o curso ofereceu novas habilidades práticas.

Esses resultados sugerem que o curso foi bem-sucedido em proporcionar benefícios variados, desde o aprofundamento em contação de histórias até a aplicação prática de educação ambiental, atendendo diferentes expectativas e necessidades dos participantes.

Em se tratando especificamente da contação de história como uma prática de educação ambiental, identificamos no formulário inicial que os principais desafios enfrentados pela maioria dos participantes (55,4%), ao utilizar a contação de histórias em suas práticas pedagógicas, se referia em manter a atenção das crianças sugerindo que estratégias para engajar e sustentar o interesse das crianças seriam fortes pontos para intervenção. Em seguida, os maiores desafios enfrentados indicados foram a falta de recursos e materiais necessários (41,5%) e a dificuldade para adaptar as histórias às diferentes faixas etárias (30,8%), inferindo a necessidade de investimento em materiais apropriados e diversificados, assim como acessíveis a diferentes públicos.

Com base nos dados obtidos após a realização do curso de formação, observa-se que, em relação à atenção das crianças durante a contação de histórias, a maioria das professoras relatou que as crianças se mantiveram atentas (79,2%), sem que houvesse relatos de falta de atenção. Esses resultados sugerem que as orientações fornecidas no curso, por meio de textos e vídeo-aulas, foram eficazes para aprimorar as habilidades das professoras na prática de contar histórias, o que contribuiu para manter o foco das crianças.

Quanto ao interesse demonstrado pelas crianças, 91,7% das professoras afirmaram que as crianças expressaram esse interesse por meio de expressões faciais, movimentos corporais ou comentários, o que indica uma boa recepção das histórias contadas. Não houve relatos de falta de interesse por parte das crianças.

Já no que diz respeito à participação ativa das crianças, 66,7% das professoras relataram que os alunos contribuíram com perguntas ou respostas durante a contação, embora esse número tenha sido inferior ao das demais questões. Isso sugere que, apesar de o engajamento ser positivo, há espaço para melhorias na forma como as professoras podem incentivar maior envolvimento verbal dos alunos.

Em relação às emoções identificadas durante a contação, todas as professoras (100%) conseguiram reconhecer emoções como alegria, tristeza, medo ou surpresa nas crianças. A emoção mais frequentemente observada foi a surpresa (50%), seguida de alegria (33,3%), enquanto os demais 16,7% das respostas dividiram-se entre tristeza e curiosidade. Esse dado indica que a narrativa das histórias foi eficaz em provocar reações emocionais significativas nas crianças, especialmente em momentos de reviravolta da trama.

Sobre a compreensão do enredo, 58,3% das crianças demonstraram ter entendido o enredo principal da história, enquanto 41,7% captaram a narrativa de forma parcial. Esses dados sugerem uma variação na compreensão das crianças, possivelmente relacionada à faixa etária, o que pode indicar a necessidade de ajustes na forma como as histórias são apresentadas, para garantir que todas compreendam plenamente a narrativa central.

Em relação à identificação dos personagens principais e suas características, a maioria das crianças (87,5%) foi capaz de reconhecer corretamente os personagens e suas peculiaridades, enquanto 12,5% tiveram dificuldades significativas. Isso reforça a necessidade de estratégias complementares, como discussões em grupo e atividades lúdicas que ajudem a fixar os personagens e suas características de maneira mais eficiente.

Quando se trata da sequência dos eventos da história, 58,3% das crianças conseguiram relatar adequadamente a sequência dos acontecimentos, enquanto 37,5% tiveram dificuldades parciais, e uma criança (4,2%) não foi capaz de compreender a sequência. Esses dados sugerem que é preciso reforçar o uso de recursos visuais ou técnicas que ajudem as crianças a entenderem melhor a ordem dos eventos narrados.

No que diz respeito ao interesse por outros livros após a atividade de contação, 25% das crianças demonstraram interesse em livros diversos, enquanto 8,3% mostraram interesse por temas relacionados a hábitos sustentáveis. Além disso, 20,8% das crianças preferiram histórias sobre animais, e 8,3% se interessaram por temas como natureza e brinquedos. Esse dado sugere que atividades futuras podem se beneficiar da inclusão de temas ambientais e de histórias que envolvam animais, de forma a continuar engajando o público infantil.

Quanto ao impacto da contação de histórias no comportamento das crianças em relação ao descarte ou reuso de materiais recicláveis e outras questões ambientais, 50% das professoras notaram um impacto positivo nas atitudes das crianças, enquanto 41% perceberam um impacto parcial, e 8,3% não observaram nenhuma mudança. Isso sugere que, embora a proposta tenha sido eficaz para a maioria, ainda existem áreas que precisam ser melhoradas para aumentar a conscientização e o comportamento ambiental dos alunos.

A confiança das professoras em contar histórias também foi avaliada. A maioria (88%) se sentiu confiante e bem preparada, enquanto 8,3% relataram estar apenas parcialmente preparadas. Apenas uma professora relatou não ter se

sentido preparada, o que pode indicar a necessidade de suporte personalizado para garantir que todos os participantes se sintam adequadamente preparados.

Em termos de recursos disponíveis para a contação de histórias, 91,7% das professoras afirmaram que tiveram os recursos necessários, e 8,3% relataram que os recursos foram apenas parcialmente suficientes. Isso indica que, de maneira geral, os materiais fornecidos atenderam às necessidades, mas que há espaço para melhorias.

Sobre o ambiente de contação, 75% das professoras avaliaram o espaço como adequado, enquanto 25% consideraram o ambiente apenas parcialmente propício, apontando a necessidade de ajustes no ambiente físico ou na configuração da sala de aula para melhorar a experiência de contação.

Quanto ao tempo de preparação, 70,8% dos participantes afirmaram ter tido tempo suficiente para se preparar, enquanto 29,2% indicaram que o tempo foi apenas parcialmente suficiente, sugerindo que ajustes no cronograma do curso podem ser necessários para atender melhor às necessidades de alguns professores.

Finalmente, em relação às dificuldades enfrentadas durante a atividade prática, 59,3% dos professores afirmaram não ter tido dificuldades, enquanto 18,5% citaram o gerenciamento da turma como o principal desafio. Outros desafios incluíram a pouca idade das crianças, a euforia durante a atividade, e a falta de acesso ao livro físico. Uma professora também mencionou a dificuldade em captar a atenção de alunos autistas, o que sugere a necessidade de uma formação continuada e de suporte adequado na sala de aula.

Esses dados reforçam a importância da contação de histórias como ferramenta educativa, além de destacar a relevância de uma formação contínua para os professores, capacitando-os a lidar com os desafios específicos de suas turmas.

Segundo Silva e Victor (2023) a contação da história é uma estratégia pedagógica eficaz para a educação ambiental. De acordo com as autoras a leitura de histórias com temas relacionados à educação ambiental pode ser explorada de maneiras variadas e criativas, como por meio de jogos, brincadeiras, danças e músicas, entre outros recursos lúdicos. Essas abordagens ajudam a despertar o interesse das crianças, promovendo a construção de conhecimento de forma divertida e envolvente. Introduzir o hábito da leitura desde cedo, por meio de livros ilustrados, com ou sem textos, e contos, facilita o processo de

alfabetização e letramento, além de contribuir para a compreensão dos códigos linguísticos.

Diante disso, ressalta-se o papel da contação de história como recurso facilitador do crescimento psicossocial da criança em relação às histórias, assim como de um instrumento capaz de exercitar a liberdade criativa ainda na infância. Com isso, identifica-se a importância de uma formação continuada adequada do professor e contador nesse âmbito, a fim de ter vivenciado na prática a utilização dos recursos e seu manejo dentro do contexto infantil.

Levando em consideração os aspectos mencionados, é necessário que os professores da infância desenvolvam a reflexão acerca da importância do brincar e contar história, por meio de uma formação mais sólida e lúdica da docência, em prol de um descortinar para novos olhares que precisam ainda serem ampliados. O gosto do conhecimento consiste em nunca encerrar algo, quando se chega em um “lugar”, novos desejos surgem para outros “lugares”. Assim é o sentimento que temos ao trazer essa temática tão importante no campo da educação infantil e formação humana das nossas crianças.

De acordo com Furtado e Furlan (2023), o desafio, a partir dessas discussões, é compreender que brincar é aprender e, aprender é brincar. Ainda, que a brincadeira seja uma necessidade humana da criança e é por meio dessa linguagem que há a capacidade maior de aprender com sentido e significado. Ao brincar, a criança não só aprende os elementos da cultura e da vida em sociedade, como também é capaz de transformá-los a partir do seu modo peculiar de agir sobre o mundo.

Destarte, profissionais da infância precisam reconhecer que as práticas lúdicas podem ser eficazes para o desenvolvimento integral da criança e é um direito constituído perante a lei. Para tanto, é inegável que professores da infância venham secundarizar esses momentos brincantes, haja vista que a brincadeira, o jogo e o brinquedo se, intencionalmente planejado, podem elevar as capacidades psíquicas da criança, por meio de saberes significativos para o seu desenvolvimento. Então, vamos brincar!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto marcado por crescentes desafios ambientais, a formação continuada de educadores infantis em educação ambiental se apresenta como uma estratégia fundamental para a promoção de uma consciência ambiental

desde os primeiros anos de vida. Os resultados obtidos com a realização desse trabalho demonstram a relevância dessa iniciativa e apontam para a necessidade de investimentos contínuos nessa área. A contação de histórias, como estratégia pedagógica, mostrou-se um recurso eficaz para despertar o interesse e a curiosidade das crianças pelas questões ambientais. A maioria dos educadores relatou um aumento significativo no engajamento dos alunos após a formação, indicando que as estratégias e recursos oferecidos foram relevantes.

No entanto, o trabalho também identificou desafios a serem superados, como a necessidade de aprofundar o conhecimento dos educadores em temas específicos da educação ambiental e de adaptar as atividades às características de cada turma.

É fundamental que as políticas públicas invistam na formação continuada de educadores, oferecendo oportunidades para que eles se atualizem e desenvolvam novas competências. Além disso, é preciso criar redes de colaboração entre os educadores, escolas e comunidades, para fortalecer a implementação de práticas pedagógicas que promovam a sustentabilidade.

Em resumo, a formação continuada em educação ambiental mostrou-se um investimento fundamental para a formação de cidadãos conscientes e críticos, capazes de construir um futuro mais sustentável. Ao promover a educação ambiental desde a primeira infância, estamos contribuindo para a formação de indivíduos mais engajados com as questões ambientais e mais preparados para enfrentar os desafios do século XXI.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Departamento de Educação Ambiental. **Educação**

Ambiental Por um Brasil Sustentável: ProNEA, Marcos Legais e Normativos. Brasília: 2018b.

FIATES, G. G. S.; SERRA, J. R.; MARTINS, G. A. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. São Paulo: Atlas, 2013.

FURTADO, V. de Q.; FURLAN, M. R. **Brincar, reciclar e aprender na infância: efetivando práticas pedagógicas à luz da BNCC**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023

FURTADO, Valéria Queiroz; PIMENTEL Alessandra; MEDEIROS Roberta Delatorre. **Tempo de Brincar, Hora de Aprender**. Londrina: Autor, 2009.

GATTI, Bernadete. 2009. **Avaliação dos currículos de formação de professores para o ensino fundamental**. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 20, n. 43, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1490/1490.pdf> Acesso em: 14 de abril de 2019.

LIMA, R.; T. A. **Classes Numerosas e Formação de Professores: desafios para a qualidade na Educação Infantil**. Revista Educativa - Faculdades Network, Vol. 4, N 1 (2010). Disponível em: <http://201.77.115.89:8080/ojs2009/index.php/educativa/article/view/113> Acesso em 25 de julho de 2019.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental Transformadora**. In: Layrargues, P. P. (Coord.) **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 65

SILVA, A. K. S. da; VICTER, E. das F. Reflexões para o desenvolvimento de uma educação ambiental crítica a partir da contação de histórias. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 150-165, jul./dez. 2023. doi: 10.1234/rbea.2023.18.2.150